



**APRENDENDO E PRODUZINDO HISTÓRIAS
SOBRE O SEMIÁRIDO: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA DA PRODUÇÃO COLETIVA
DE UM LIVRO PARADIDÁTICO**

*LEARNING AND PRODUCING STORIES ABOUT THE SEMIARID: A
REPORT OF EXPERIENCE OF THE COLLECTIVE PRODUCTION
OF A PARADIDATIC BOOK*

*APRENDIENDO Y PRODUCIENDO HISTORIAS SOBRE EL CLIMA
SEMIÁRIDO: UN RELATO DE EXPERIENCIA DE LA PRODUCCIÓN
COLECTIVA DE UN LIBRO PARADIDÁCTICO*

Maria Aparecida Sousa Silva Sá ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Formada em Licenciatura plena em Geografia (1999); Professora efetiva do Ensino Fundamental II do município de Cajazeiras. Especialista em Psicopedagogia (2003); Especialista em Coordenação Pedagógica (2011); Autora do livro infantil (2012) “Onde é melhor: no chão ou na árvore?”.
E-mail: mcidasa@bol.com.br

Resumo

As instituições educacionais no Brasil adotam livros didáticos que subsidiam uma base curricular comum no ensino de amplitude nacional. Nessa dinâmica, as escolas são tradicionalmente habituadas a organizar seus currículos, seguindo a sequência dos conteúdos dos livros didáticos. Em consonância com o artigo 26º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), este trabalho traz reflexões acerca da relevância de inserir no currículo escolar conteúdos que contemplem especificidades regionais e locais do Semiárido. Para que ocorram essas mudanças de prática, faz-se imprescindível trazer à luz a parte diversificada do currículo em que os profissionais de educação precisam estar cientes do seu papel, perante a sociedade. Para a obtenção dos resultados, realizou-se uma revisão bibliográfica acerca do tema abordado, utilizando-se de uma metodologia descritiva, levando em consideração que esse trabalho propõe relatar o processo criativo de um livro paradidático, produzido a partir das reflexões dos discentes, tendo como foco: ressaltar a biodiversidade da Caatinga; propiciar algumas reflexões sobre currículo e discutir dentro da equipe interdisciplinar os conteúdos abordados sobre o Semiárido nos livros didáticos. A trajetória dessa pesquisa resultou na produção final de um livro paradidático infantil.

Palavras-chave: Currículo Escolar. Produção interdisciplinar. Livro Paradidático.

Abstract

The educational Institutions from Brazil adopt textbooks that are guided by the Common Curricular Bases (an education curriculum) and in its turns that Curricular Bases rules the teaching in all educational extend. About this standpoint, the schools are traditionally used to organize your resume by following the sequences of the contents of textbooks. According whit the article 26 of the act of Guidelines and Basis for National Education (Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB) created in 1996, this paper brings reflections about the relevance and the necessity of including in the scholar curriculum a content that cover the regional and local specifics of the Semi-arid. For this changes to occur in practice its absolutely necessary put in use the diverse capabilities of the curriculum, where learning professionals shall be prepared and aware of their role in society. To get those results it was made a bibliographic review relative to this discussed topic using a descriptive methodology based on an experience report, taking in account that this work have the purpose to report the creative process of a pictured book (as a classroom material), it was produced in principle from the reflections of students, aiming: highlighting the biodiversity of the caatinga; to provide some thoughts on curriculum and discuss within an interdisciplinary team the content covered on the semiarid in textbooks. The trajectory of this research resulted in a final production of a pictured textbook produced to students.

Keywords: Scholar curriculum. Interdisciplinary Production. Paradidatic Book.

Resumen

Las instituciones educacionales en Brasil adoptan libros didáticos que subvencionan una base curricular común en la enseñanza de amplitud nacional. En esa dinámica, las escuelas son tradicionalmente habituadas a organizar sus currículos, siguiendo la secuencia de contenidos de los libros didáticos. De conformidad con lo dispuesto en el artículo 26º de la Ley de Directrices y Bases de la Educación (1996), ese trabajo aporta reflexiones acerca de la relevancia de insertar en el currículo escolar contenidos que contemplen especificidades regionales y locales del clima semiárido (también conocido como semidesértico o estepario). Para que ocurran esos cambios de práctica, se hace imprescindible sacar a la luz la parte diversificada del currículo en que los profesionales de educación necesitan estar al tanto de su papel ante la sociedad. Para la obtención de los resultados, se ha realizado una revisión bibliográfica acerca del tema abordado utilizando una metodología descriptiva, teniendo en consideración que ese trabajo propone relatar el proceso creativo de un libro paradidático, producido desde las reflexiones de los discentes, enfocándose en: resaltar la biodiversidad de la Caatinga (bioma exclusiva de Brasil); propiciar algunas reflexiones sobre currículo y discutir dentro del equipo interdisciplinar los contenidos abordados sobre el clima semiárido en los libros didáticos. La trayectoria de ese estudio resultó en la producción final de un libro paradidático infantil.

Palabras clave: Currículo Escolar. Producción interdisciplinar. Libro Paradidático.



1. Introdução

O presente artigo trata-se de um relato atualizado de uma experiência vivenciada no âmbito escolar, que culminou na produção e publicação de um livro paradidático. O valor inestimável que embasa essa pesquisa está na importância de ampliar os horizontes de uma região naturalmente vista e colocada na sociedade como desfavorecida, tanto pelos externos a ela, quanto pelos que compactuam com seu cotidiano.

Sendo professora de Geografia do ensino fundamental e ministrando aulas a alunos sertanejos (Cajazeiras - PB), muitos deles, oriundos do campo, pude observar, em seus discursos, a ausência de valorização de suas origens, do seu lugar, de sua região e seus costumes. No imaginário desses jovens, o que eles viam na TV, elemento causador de uma padronização social, era o que determinava um bom e bonito lugar. Nas suas vozes, o desabafo: “a gente mora no fim do mundo”. Diante dessa perspectiva, ficou para nós um desafio: convencê-los de que não há nada de errado com o espaço que ocupam, pelo contrário, trata-se de um lugar bom e digno de apreciação.

A princípio, estava patente que o livro didático de Geografia não supriria a demanda dos alunos, com a finalidade de evidenciar a riqueza e a beleza do sertão nordestino. Ao invés disso, mostrava uma região de chão rachado, enfatizando a pobreza e os estereótipos.

Entretanto, em contato com um aparato bibliográfico relacionado ao Currículo Escolar, cujos nomes vão desde Arroyo (2011), Satubal (2002) e Educação e Convivência com o Semiárido (MARTINS, 2006) até o Artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), entre outros, ficou perceptível a possibilidade de se construir um material didático basilar para a desconstrução de conceitos negativos fomentados no imaginário dos jovens sertanejos.

Para tanto, foi realizado uma pesquisa-ação, envolvendo a comunidade escolar da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Antônio Tabosa Rodrigues, Cajazeiras – PB. No âmbito escolar, trabalho realizado com os docentes, foram desenvolvidos estudos ligados ao currículo, bem como a exploração da riqueza cultural do Semiárido e a biodiversidade da Caatinga.

Em sala de aula, trabalho realizado com os discentes, houve exposição e debate sobre belezas do nosso Sertão, posteriormente, os estudantes foram convidados a escreverem histórias, contos, poesia, cordéis etc. O objetivo foi alcançado! Várias produções foram escritas, no entanto, um conto foi selecionado para compor um livro paradidático. O referido texto/conto pode ser conferido no apêndice 1.



2. Metodologia

A importância de um relato de experiência está na pertinência e seriedade dos problemas que nele se expõem, assim como no nível de generalização, na aplicação de procedimentos ou de resultados da intervenção em outras situações similares, ou seja, serve como uma colaboração à *práxis* metodológica da área à qual pertence (COMUNIDADE PSICOPERSPECTIVAS. INDIVÍDUO E SOCIEDADE, 2010).

Portanto, a relevância deste trabalho centra-se na possibilidade de colaborar na identificação das principais dificuldades desta temática, propiciando novos saberes sobre o tema e visando contribuir para implantação de uma educação que possibilite aos estudantes a participação ativa no processo de ensino-aprendizagem para que, através de uma consciência crítica, compreendam, construam e transformem conhecimentos. Esse progresso permite benefícios no âmbito social e científico.

Para fundamentar o relato, foram utilizadas, nesta pesquisa, consultas bibliográficas de literaturas especializadas na área, como também atuação *in loco*, a partir da proposta de produzir um livro paradidático, que contemplasse a parte diversificada do currículo.

Nesse contexto, os alunos foram desafiados a produzir textos, contos, tiras, histórias, quadrinhos, desenhos e qualquer criação textual que a imaginação possibilitasse, dentro da conjuntura de suas vivências positivas, considerando os saberes e seu universo do Semiárido e da biodiversidade da Caatinga.

3. Algumas reflexões sobre literatura e semiárido

Na literatura geral do Brasil, quando se fala em Nordeste, Caatinga ou Semiárido, normalmente as referências não são positivas. Tanto nos livros didáticos, como nos livros paradidáticos há sempre uma perspectiva equivocada da região ou construção de imagens que não traduzem a real situação desse lugar. Obras consagradas como, *Vidas Secas* (Graciliano Ramos), *O Quinze* (Raquel de Queiroz) ou até mesmo letras de músicas de Luís Gonzaga (Asa Branca, entre outras), relatam situações de sofrimento, tristeza e miséria.

É perceptível, nas bibliotecas das escolas de ensino fundamental, livros paradidáticos infantojuvenil, enviados pelo MEC, que falam sobre girafa, ursos, leão etc. No tocante a vegetação, outros livros retratam uma mata exuberante com árvores de copas frondosas, relacionando a lugares de clima frio. Paira então um questionamento: onde estão os livros que



falam sobre tatu, jumento, calango ou de árvores regionais como jurema, angico, juazeiro? Como os estudantes vão se apropriar de conhecimentos do seu cotidiano se estes, desde cedo, não se veem retratados nos livros?

Levando em consideração a definição de Tufano (1978, p. 13) que aponta ser a Literatura um ato de comunicação, entende-se que, em relação a essa transmissão de informações, a imagem sempre explorada do Semiárido tem como foco os aspectos negativos, promovendo uma construção, no imaginário das pessoas, de falsas concepções.

Com o propósito de reconstruir essa ideia no imaginário da população do país e do mundo, como também de delinear uma autoimagem positiva do povo dessa região, é fundamental investir, nesse mesmo sentido, na comunicação, mostrando uma realidade viva, produtora de riquezas, belezas, potencialidades, diversidades e possibilidades do nosso local.

Para isso, é necessário que se invista em educação, para que o aluno possa ter uma visão mais ampla e crítica da sua realidade, compreendendo e atuando sobre ela. Com o intuito de complementar o ensino e dar continuidade a esse processo de contextualização, vislumbramos o Livro Paradidático como uma estratégia possível e promissora de tecer juntos conhecimentos e saberes locais.

4. Algumas considerações sobre currículo escolar

O currículo é considerado o eixo central do sistema educacional de uma escola, configurando-se um dos maiores focos de discussões no ambiente educativo. Nos últimos anos, intensificaram-se, sobremaneira, os debates acerca do referido tema.

Apesar de ser passível a mudanças, o currículo de uma escola está submetido a uma base curricular comum do ensino no Brasil. Assim, as instituições educacionais adotam, em seus projetos, livros didáticos que subsidiam esta base. Nessa dinâmica as escolas são tradicionalmente habituadas a organizar seu currículo seguindo a sequência dos conteúdos dos livros didáticos.

Sobre o livro didático é possível constatar que:

Sua presença tem sido muito forte na prática pedagógica dos professores, constituindo-se, às vezes, no único referencial para seu trabalho em sala de aula. Essa situação precisa ser revertida. O professor é o sujeito que dá a direção e o livro didático, um recurso de apoio. Portanto, não pode ser absolutizado, mas considerado como um dos instrumentos de trabalho, a serviço de uma ação pedagógica planejada pelo professor. (SETUBAL, 2002, p. 30).



Tendo o livro didático como aparato básico, o professor tem a liberdade de aplicar qualquer material externo que venha complementar o processo de ensino-aprendizagem, sobretudo, com conteúdos vivos, com valores sociais, tecnológicos e regionais, explorando a diversidade que vai além das “competências e habilidades para um mercado futuro de trabalho idealizado para poucos” (ARROYO, 2008).

Assim, no que diz respeito à Geografia, façamos o seguinte questionamento: até que ponto os livros didáticos dão conta de atender as características regionais e locais do nosso imenso Brasil?

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), no artigo 26, assegura que o currículo escolar deve ser complementado. Vejamos:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (LDBEN 9.394, 1996, P.19).

A LDBEN reconhece a necessidade de complementação do currículo escolar, mas o que se vê, na prática, é que as instituições de ensino desconsideram tal orientação. Percebe-se, pois, que no dia a dia, nas salas de aula, os professores têm o livro didático como principal (ou único) referencial do seu trabalho.

É relevante que, a partir do clamor da sociedade por uma educação de qualidade, por ética nacional, por justiça social, os educadores sejam cúmplices a fim de conceber, através da organização curricular, da prática pedagógica e do projeto político-pedagógico, mudanças que venham garantir aos educandos conhecimentos vivos.

Assim, Arroyo em seu livro - *Currículo, Território em Disputa* -, identifica atitudes positivas que mobilizam os docentes a tomar iniciativas perante a organização curricular:

Os coletivos docentes têm se mantido atentos a essa dinâmica social e do próprio campo do conhecimento para garantir aos educandos conhecimentos vivos. Entretanto, seus esforços se veem limitados pela rigidez consagrada na velha estrutura entre base comum nacional e parte diversificada, componentes curriculares obrigatórios e disciplinas a serem preservados. (2011. p. 38).

Objetivando quebrar essa rigidez consagrada, é importante que os educadores (coletivos docentes) vislumbrem na parte diversificada do currículo a possibilidade de atuar mais diretamente sobre as possibilidades de intervir com organização curricular. Quando, dentro de



uma escola, não se contempla conteúdos relacionados a vivência do aluno e aos saberes locais, os estudantes são privados de conhecer, debater, analisar e conseqüentemente desenvolver senso crítico de modo que possa atuar/transformar a realidade social/local.

5. Os fatores que fundamentam a proposta de produção de material didático relacionado às características regionais

A intenção de elaborar material didático, contemplando as especificidades locais, surgiu no final do ano 2010, a partir do contato com os textos de Martins (2006) e Moura (2003) – autores comprometidos com uma educação transformadora. O primeiro é um dos articuladores da Proposta de uma Educação para a Convivência com o Semiárido, já o segundo desenvolve a Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável (PEADS).

O incentivo definitivo veio no início de 2011, – período que atuei na função de coordenadora – a partir do curso em Coordenação Pedagógica, em que muitas leituras, relacionadas à atuação dos coordenadores pedagógicos e ao currículo, foram realizadas e discutidas. Nesse contexto, foi lançada uma proposta que contemplasse a parte diversificada do currículo. Tomando a ideia como ponto de partida, ao longo do ano de 2011, foi proposto o desenvolvimento do projeto **Semiárido: aprendendo e produzindo histórias**.

A intenção principal, com esse projeto, seria apresentar essa região como um lugar de potencialidades, direcionar aos olhares uma realidade que, desde sempre, não se encontra nos livros que são disponibilizados no sistema regular de ensino, uma vez que estes, sistematicamente, retratam a região do Semiárido como um lugar improdutivo e miserável, contribuindo, desse modo, para a disseminação de preconceitos.

Diante dessa inquietação surgiram propostas e iniciativas de elaborar material didático, em que as imagens do nosso cotidiano poderiam ser apreciadas através de histórias, poesias, contos, tiras e cordéis. Necessariamente, tudo isso contado por autores nativos.

No sentido de consolidar o projeto, foi definido como cenário o Semiárido. Os personagens são as pessoas que aqui vivem e os autores são os alunos e professores. Com proposta de reunir essas produções, a fim de promover a integração e troca de experiências de novas práticas e modos de trabalho, obteve-se como produto final a produção de livros paradidáticos que poderiam contribuir na educação contextualizada da rede de ensino do Semiárido paraibano.

Por meio dessa mobilização da comunidade escolar, incentivo aos alunos e professores a produzir/construir livros paradidáticos com seus saberes, com “a leitura do mundo...” qual



fala Freire (1989), certamente consegue-se construir conhecimento, valorizando a identidade regional.

6. A produção do material paradidático relacionado às características regionais do semiárido

No meio escolar, como já abordamos aqui, o livro paradidático tem um valor complementar, permitindo que o professor desenvolva trabalhos que dinamizem e estimulem o senso crítico e social no aluno. Tendo esse sentido em mente, o intuito com esse material tem como objetivo essencial valorizar os conhecimentos prévios dos discentes, suas vivências, bem como motivá-los a conhecer melhor a região e pensar criticamente sobre ela. Para atingir esse objetivo foram trabalhados conteúdos ligados à riqueza cultural do Semiárido e a biodiversidade da Caatinga.

A estratégia principal consistiu em propor aos professores utilizar-se dos mais variados recursos comunicacionais na escola para incentivar os alunos, tanto do ensino fundamental, tanto dos anos iniciais como dos anos finais, a produzir materiais como: contos, histórias, tiras, rimas, desenhos e poesias

Para isso, foram disponibilizados materiais didáticos (textos, cartilhas, livros e slides) para os professores desenvolverem o tema Caatinga e Convivência com o Semiárido na sala de aula. Concomitantemente, foram apresentadas as seguintes sugestões de trabalho, por componente curricular:

- **Geografia:** Localização e características da Caatinga;
- **Ciências:** A questão da água na cidade de Cajazeiras (relação precipitação/evaporação, o açude do Boqueirão e o abastecimento d'água);
- **Matemática:** Tecnologias de convivência com o semiárido (construção de cisternas: custos, capacidade de armazenamento de água);
- **História:** Flora (árvores do nosso sertão);
- **Português:** Fauna (aves do sertão).

Na Educação Infantil foi desenvolvida a mesma proposta, mas trazendo a ideia do professor como escriba, onde os alunos não sabiam escrever ainda. A maior preocupação foi assegurar que toda a comunidade escolar fosse envolvida a participar do projeto, e a produção de textos coletivos garantiu essa unidade e estímulo.

A Coordenação Pedagógica planejou uma sequência de apresentações de slides, em que, através das imagens, pôde instigar os alunos a refletir sobre as adversidades de algumas regiões do planeta.

Por meio dessa proposta, foram apresentadas algumas comparações de regiões geladas e habitadas da Terra (Alasca), como as regiões áridas e semiáridas (Austrália); houveram diálogos sobre “indústria da seca”¹ e tecnologias que devem ser usadas para conviver no Semiárido com qualidade de vida; por fim, belas imagens da região em estudo constaram, ressaltando sua biodiversidade.

A partir da realização dessas ações, os professores foram incumbidos de reunir as produções dos alunos a fim de que pudesse selecionar as melhores histórias. Ao término dessas rodas de diálogos, o conto “**Onde é melhor: no chão ou na árvore?**” (apêndice 1) foi, dentre tantos textos, o selecionado.

O passo seguinte após a escolha ficou a encargo dos alunos. A partir da leitura do conto realizada pelos professores em sala de aula, os discentes criaram uma série de desenhos correspondentes à história, alguns foram selecionados para ilustrar o livro (**Figura 01**). Felizmente, a meta foi alcançada, pois a bela história transformou-se em um **livro infantojuvenil**² – livro paradidático.

Figura 01: desenhos produzidos pelos estudantes



Fonte: Arquivo pessoal

¹ Fenômeno político; por meio do qual políticos e latifundiários se apropriam dos investimentos advindos do governo federal, quando que, tais investimentos deveriam chegar as famílias menos abastadas, vítimas de uma estiagem prolongada, e, vítima da ausência de políticas que desenvolvam tecnologias voltada para o bem viver no Semiárido.

² O Livro pode ser encontrado tanto na Livraria Universitária – Cajazeiras/PB, como também na Livraria Leitura no Manaíra shopping – João Pessoa-PB.

7. Resultados e discussões

Tecer histórias e saberes sobre o Semiárido foi uma experiência única e de valor inestimável, pois, a partir do envolvimento durante as reflexões e produções, foi possível o resgate de lembranças e a percepção da realidade, traçadas e eternizadas nas escritas dos textos. De fato, os estudantes aprenderam a partir das suas habilidades, conhecimentos e vivências, deixaram de serem leitores passivos para serem autores e ilustradores. Além do que, o orgulho de ver o produto - o livro paradidático – finalizado (**Figura 02**), deu motivação e compreensão unânimes.

Figura 02: Estudantes fazendo uso do livro paradidático por eles produzido



fonte: arquivo pessoal

Essa compreensão, percebida desde o processo de nascimento de um livro, a criação da história, - história esta escrita coletivamente por duas alunas do 7º ano, Rita de Cássia e Larissa Tomaz, e pela minha pessoa Aparecida Sá - até tê-lo em mãos, trouxe não só o conhecimento de todas as etapas para a produção de um livro, mas, principalmente, uma surpreendente satisfação de todos os demais estudantes ao ver a elaboração de um livro por seus pares. Assim, percebem que podem ser protagonistas também e se sentem motivados para isso.

É importante que o livro paradidático que caracteriza a região local vai se misturar, no momento de rodas de leituras promovidas pelos docentes nas salas de aulas, as demais



produções clássicas como chapeuzinho vermelho, branca de neve, João e Maria, etc. Atendendo a demanda no tocante às características regionais e locais.

Experiências como esta possibilitam, portanto, o desenvolvimento do senso crítico, da autonomia e de uma formação cidadã, contribuindo para a construção de uma nova visão dessa região, deixando para trás preconceitos de outrora.

8 considerações finais

No início desse trabalho enfatizamos que, em consonância com a diretriz que estabelece a base curricular comum a todo o ensino fundamental, as instituições são tradicionalmente habituadas a elaborar seu plano de curso, seguindo a sequência dos conteúdos dos livros didáticos. Essa formalização acaba deixando excluída a parte diversificada do currículo, justamente a que contempla as especificidades regionais e locais.

A partir dessa percepção, discutimos sobre a urgência de se efetivar, em cada instituição de ensino, a organização curricular, considerando os conhecimentos e vivências dos discentes e desenvolvendo metodologias, através de uma proposta de educação contextualizada, que atenda a demanda no tocante às características regionais e locais.

Tomando por base essa linha de pensamento, relatamos a experiência, coletiva e interdisciplinar, desenvolvida num ambiente escolar, que objetivou suscitar aprendizagens significativas aos alunos, quando estes teceram histórias e saberes sobre o Semiárido. Dentre tantas ricas produções, o conto **“Onde é melhor: no chão ou na árvore?”** foi selecionado para compor um livro paradidático. Esse material mostra aspectos da biodiversidade da Caatinga. Rico em ilustrações coloridas o livro infantojuvenil apresenta a região valorizando suas características.

A produção do livro paradidático transformou-se em realidade. Logo, faz parte dessa proposta não somente divulgar, mas, sobretudo, convidar a todos para protagonizarem projetos semelhantes, visando suprir a carência de produções didática pedagógica que contemplem a parte diversificada do currículo.

Portanto, através da proposta de se destituir dos velhos preconceitos, ao passo que construímos novos paradigmas necessários, almejamos que outras estratégias, projetos, livros sejam produzidos em larga escala, a fim de que sejam percebidas as potencialidades que o Semiárido oferece numa perspectiva de melhoria da qualidade de vida e implantação de novas práticas curriculares da educação contextualizada.



Felizmente, foi aprovado (notícias paraíba online de dezembro/2018), pelo O Conselho Estadual de Educação da Paraíba (CEE/PB), o currículo que pode secundar o trabalho dos professores do ensino infantil e fundamental. Este novo currículo propõe estudos ligados a saberes locais e regionais, isto é, conhecimento relacionado a geografia física e humana da Paraíba, ressaltando os aspectos históricos, sociais, biodiversidade, etc. Essa proposta foi apresentada aos professores paraibanos, esteve disponível no site www.undimepb.org.br, através de consulta pública até setembro de 2018.

Hoje, esse documento intitulado: Proposta Curricular do Estado da Paraíba – Educação Infantil e Ensino Fundamental - que foi produzido depois da homologação, pelo MEC, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017), está disponível em todas as escolas de estado e de município paraibano, cujo objetivo é inserir esses “novos conteúdos” na prática pedagógica. Apenas para exemplificar, podemos citar que, tal proposta curricular traz no componente curricular de Geografia (7º ano) os seguintes conteúdos: Formação territorial da Paraíba; Biomas e domínios morfoclimáticos da Paraíba; Sustentabilidade na Paraíba, etc. Acontece que, para efetivamente tais conteúdos sejam lecionados, os docentes precisam de suporte, isto é, material didático que contemplem a parte diversificada do currículo, uma vez que o livro didático utilizado na escola (enviado pelo MEC para todo território nacional) não abrange assuntos específicos do Semiárido paraibano.

Entretanto, a quem cabe prover de farto material didático os estabelecimentos escolares para suprir a demanda dos educadores? Para os professores, é imprescindível que contem com extenso material didático como fonte de pesquisa no planejamento diário de aulas. Deixo como contribuição esse relato, enfatizando que a comunidade escolar pode e deve também produzir conteúdo que façam entender e explicar a realidade em que vivem.

Vale ressaltar, porém, que produzir com os alunos tal material que dá subsídio a docentes e discentes não foi difícil. A dificuldade maior ficou por conta da falta de apoio financeiro por parte da secretaria de educação do município para a publicação de um simples – e rico - livro paradidático. Todavia, o mais importante de tudo foi/é ver no semblante de cada aluno o misto de surpresa e alegria ao folhear um livro construído por estudante e professora.



9. Referências

ARROYO, M.G. **Currículo, Território em Disputa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes Editora, 2011.

BRASÍLIA: Senado Federal. Conteúdo: **Leis de diretrizes e bases da educação nacional** – Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p. Lei no 9.394/1996.

COMUNIDADE PSICOPERSPECTIVA. INDIVIDUO E SOCIEDADE. **Sugestões para a Estruturação dos Relatos de Experiência Profissional**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicope/pdf1.pdf>. Acesso em: 09 de novembro de 2011.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23 ed. São Paulo. Editora Cortez, 1989.

MARTINS, J.S. Anotações em torno do conceito de educação para a convivência com o Semiárido. In. **Educação para a Convivência com o Semiárido: reflexões teórico-práticas**. Secretaria Executiva de Rede de Educadores do Semiárido Brasileiro. Juazeiro da Bahia: Selo editorial – RESAB, 2006. p. 37- 66.

MOURA, A. In: BAPTISTA, F. M. E BAPTISTA N. De Q. (org). **Educação Rural: sustentabilidade do campo**. Feira de Santana: MOC/SERTA/WEFS, p. 19-29, 2003.

PARAIBAONLINE.COM.BR. **Conselho aprova Documento Curricular para a Educação Infantil e Ensino Fundamental**, da Redação com Secom/PB. Disponível em: <http://www.paraibaonline.com.br> Acesso em: 26 de dezembro de 2018.

PARAÍBA (Estado). **Proposta Curricular do Estado da Paraíba Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Organizado e elaborado pela Secretaria de Estado de Educação (SEE); União dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME); Conselho Estadual de Educação da Paraíba (CEE); União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação (UNCME), 2019.

SETUBAL, M. A. **A escola e sua função social**. In: Raízes e Asas. vol. 1, 3ª ed. São Paulo. CENPEC, 2002.

TUFANO, D. **Estudo de literatura brasileira**. São Paulo: Ed. Moderna, 1978.

APÊNDICE 1

Capa do livro



Onde é melhor: no chão ou na árvore?

Era uma vez um Tatu e um Soim,³ que moravam muito próximos, mas não se conheciam. Certo dia, na Caatinga, ia haver uma festa de casamento do gato e da gata do mato. Então, muitos bichos foram convidados: preá, cobra, tatu, raposa, soim, tejo, gambá, camaleão, lagartixa, guará, calango, sapo cururu, urubu, coruja, gavião...

Era uma festa muito bonita, ornamentada com flores de maracujá, mulungu e jurema. Tinha um cardápio variado: ameixas da caatinga, ovos de galinha, fruto do mandacaru, sementes, raízes, frutas e pequenos insetos.

Foi durante essa festa que o Tatu e o Soim se conheceram, começaram a conversar e ficaram amigos. Enquanto isso, em um canto reservado, debaixo de um juazeiro, uma Raposa observava a conversa animada entre eles.

Lá pelas tantas, decidiram ir para casa e saíram alegremente. Mas, bem no terreiro do salão de festa, encontraram a Raposa, dizendo que iria acompanhá-los, pois já estava na hora de ir para casa também.

Bem perto dali estava a toca da Raposa, mas ela não quis dizer onde morava e continuou andando para ficar sabendo até onde iam esses novos amigos. Foram andando e,

³ Sagui ou Mico



para surpresa de todos, descobriram o Soim e o Tatu, que moravam no mesmo endereço, quando falaram os dois ao mesmo tempo:

- Aqui é minha casa.

- Como assim? – Falou o Tatu. - Esta é a minha casa!

- Eu moro naquele último galho desse grande pé de angico - disse o Soim.

- Eu moro aqui, debaixo das raízes desse pé - disse o Tatu.

A Raposa perguntou:

- Como é que vocês nunca se encontraram antes?

O Tatu respondeu:

- Eu não subo em árvores.

O Soim disse:

– Eu raramente desço pelo tronco do angico. Eu gosto de pular de galho em galho e saio por aí pelos galhos das outras árvores.

O Soim curioso perguntou à Raposa:

- E você, Raposa, onde mora?

A raposa mentiu e disse:

– Moro logo ali na frente e, por falar nisso, eu já vou andando. Tenham um bom dia!

O Soim e o Tatu ficaram felizes pela coincidência de morarem tão próximos. Mas, sonolentos, se despediram, pois, precisavam dormir um pouco, o dia já estava amanhecendo.

Bem mais tarde, o Soim desceu e foi visitar o buraco do Tatu:

- Entre, amigo, venha conhecer a minha casa. Vamos? - disse o Tatu.

O Soim entrou, mas logo saiu correndo e falou:

- Estou sufocado, é muito escuro aqui!

O Tatu ficou um pouco decepcionado, achando que a casa do Soim era muito boa e a dele não!

- Vamos até a minha casa, lá tenho uma vista maravilhosa de toda a Caatinga.

E o Tatu, tristemente, lembrou de muitas histórias que ouvia falar dos bichos que moravam em cima de árvores; sempre falaram que lá do alto tudo é mais bonito!

- Eu não consigo subir em árvore – disse o Tatu.

E continuou falando:

– Mas dá pra gente ser amigo mesmo sem um ir um na casa do outro.

- Tá bom - disse o Soim um tanto constrangido -, vou para casa. Tchau!

- Tchau!

Quando o Soim chegou em casa, pensou... pensou... Então teve uma ideia: “vou fazer uma escada”.



Enquanto isso, a Raposa, com inveja dessa grande amizade, foi até a casa do Tatu fazer intriga, dizendo:

- Não seja amigo do Soim. Ele é falso, finge que é seu amigo, quer que você vá para casa dele, mas seu lugar é aqui no chão. Pense bem: cada um tem o seu lugar; Tatu vive no chão, Raposa vive no chão... Venha conhecer a minha casa, moro perto daqui! E depois, o Soim lhe convida para subir na árvore, mas ele pode até empurrar você lá de cima!

A Raposa se despediu, dizendo que aguardava a visita do Tatu no dia seguinte em sua casa.

O Tatu todo tristonho, pensando que seria impossível subir numa árvore para conseguir ver aquela vista bonita do alto do galho, quando, de repente, ouviu o Soim gritar:

- Amigo Tatu, fiz uma escada, suba! Venha ver a minha vista! Conhecer a minha casa!

O tatu ficou tão surpreso com a possibilidade de subir na árvore, que nem se lembrou das palavras maldosas da Raposa e subiu. Quando chegou lá no alto, ficou encantado com a bela vista: a mata, as serras, os riachos, o verde, o vento... Ficou emocionado, percebendo que tudo que tinha ouvido falar era verdade. Realmente, a vista lá de cima era maravilhosa. Então falou:

- Soim, mesmo que você não queira ser meu amigo e queira me empurrar daqui de cima, eu quero lhe agradecer pela oportunidade de estar aqui. E digo: se eu morrer hoje, morrerei feliz.

O Soim, surpreso com aquelas palavras e sem entender o sentido delas, perguntou:

- Do que você está falando, amigo Tatu?

-Estou lembrando do que a Raposa me falou: que você é falso, que vai me empurrar daqui de cima e que é melhor eu não sonhar com o impossível. Mas me responda: por que você quis tanto que eu viesse aqui na sua casa?

- Porque quando fui na sua, não vi nenhuma paisagem, só terra. E como gosto de você, sou seu amigo, quis lhe dar esse presente. Venha na minha casa quantas vezes quiser. E quanto à Raposa, não ligue, talvez ela esteja com inveja da nossa amizade.

O Tatu, muito comovido com aquela prova de amizade, decidiu compartilhar aquela alegria com todos os outros bichos que vivem no chão, inclusive a Raposa. Então, eles construíram muitas escadas para os bichos subirem, descerem, deram até uma festa... A raposa foi convidada para a festa, ficou arrependida da maldade de suas palavras e percebeu que a mentira e a maldade afastam a bicharada.

No meio da festa, porém, quando todos estavam se divertindo no alto das árvores, comemorando a amizade e apreciando a vista, uma ventania muito forte, com uma chuva muito grande, botou a bicharada pra correr; Soim, aves, Raposa, Tatu, preá, gambá... todos



procuravam o chão para se proteger. Tocas e buracos ficaram lotados... O Soim foi se refugiar na casa do amigo Tatu.

- Ah! amigo, acho que aqui é mais seguro. Posso dormir na sua casa hoje? - disse o Soim.

O tatu respondeu todo satisfeito:

- Claro, amigo Soim. É um prazer tê-lo em minha casa. Como bem pode ver, a vista não é grandiosa, mas ela é bem quentinha!

E assim, Tatu e Soim, foram amigos para sempre!